

Carmem Lussi

## Processos identitários entre italianos da missão católica italiana de Solingen na Alemanha

Mestre em missiologia pela Pontifícia  
Università Urbaniana de Roma.  
Doutoranda em Teologia pela PUC-Rio.  
E-mail: [carmem.lussi@gmail.com](mailto:carmem.lussi@gmail.com)

**Resumo:** O artigo apresenta resultados de uma pesquisa realizada entre imigrantes italianos em uma região do norte da Alemanha. Após breve histórico e panorama atual da MCI – Missão Católica Italiana de Solingen-Remscheid onde foram realizadas as entrevistas, são apresentados alguns resultados gerais da pesquisa com citações de trechos dos depoimentos dos migrantes. Seguem aprofundamentos a partir das respostas dos interessados sobre o tema da identidade, referidas especialmente à segunda e à terceira geração, e elementos de análise sobre o tema da identidade em contexto migratório, em diálogo com autores de diferentes disciplinas sobre o tema. A análise questiona o papel da religião nos processos identitários dos “filhos da emigração italiana”, apesar da reconhecida co-implicação entre história, religião e cultura na Itália e, portanto, na construção da *italianità*.

**Palavras-chave:** Identidade - crianças migrantes - jovens migrantes - religião - migração.

**Abstract:** The article presents the results of a research with the Italian migrants in North Germany. After a brief history and panorama of the contemporary CIM – Catholic Italian Mission from Solingen-Remscheid, where the interviews were taken, some of the general results are presented, including several of the migrants’ testimonial quotations. Then it comes the inspections from the answers of those interested on the identity theme, especially regarding the second and third generations and the elements of the analysis on the identity in the migratory context theme. The analysis question the role of the religion in the identity processes of the “sons of the Italian emigration”, despite the well known co-implication between history, religion and culture in Italy and, therefore, in the construction of the *italianità*.

**Keywords:** Identity - migrant children - migrant youth - religion - migration.

Enviado em primeiro de março de  
2010 e aprovado em 13 de abril de  
2010.

O presente artigo recolhe parte dos resultados de uma pesquisa feita em abril de 2009, entre famílias de imigrantes provenientes da Itália, que atualmente vivem na Alemanha há, ao menos, três gerações. Para a realização das entrevistas seguiu-se a metodologia traçada por Sebe Bom Meihy (MEIHY, 1996) sobre história oral, com algumas adaptações<sup>1</sup>, necessárias para respeitar exigências do público envolvido no processo. Colaboraram como informantes privilegiados, sobretudo na seleção das famílias convidadas para as entrevistas e no estudo do contexto histórico e da situação atual da Missão Católica Italiana (MCI) de Solingen-Remscheid, as religiosas missionárias<sup>2</sup> que atuam naquela realidade, às quais registro aqui meu agradecimento. Sem a colaboração delas não teria sido possível a realização da pesquisa.

Foram realizadas 116 entrevistas semi-abertas com imigrantes italianos que vivem na Alemanha há, ao menos, dez anos e que participam de atividades na MCI de Solingen-Remscheid e 12 entrevistas abertas, que foram gravadas e transcritas, realizadas junto a outras tantas famílias. O critério de participação às entrevistas abertas era de, além de terem tido um percurso de interação com a MCI, serem famílias que vivem atualmente na Alemanha, compostas por, ao menos, três gerações. Resultaram 120 páginas de texto das transcrições, referentes aos 12 encontros realizados nas casas dos entrevistados, com a participação ao total de 51 adultos e dois adolescentes, assim distribuídos: dezessete pessoas da primeira geração, dez da geração 1.5, quatorze da segunda e doze da terceira geração; 33 mulheres e 18 homens. Entre as doze entrevistas estavam presentes também três crianças com menos de dez anos da terceira geração e três da quarta geração.

Por primeira geração entende-se aqueles que nasceram na Itália e chegaram na Alemanha com 14 anos ou mais<sup>3</sup>. A segunda geração é composta por quem nasceu na Alemanha e nunca morou na Itália, mas aprendeu o italiano em casa como primeiro idioma. A esta une-se a causa do perfil cultural ser muito próximo, a geração 1.5, que é a geração dos que nasceram na Itália, mas foram para a Alemanha com menos de 14 anos (e, portanto, frequentaram a escola alemã) ou nasceram na Alemanha e por um tempo foram viver na Itália (onde frequentaram a escola italiana). A terceira geração é filha da segunda geração ou da geração 1.5, a qual aprendeu o alemão, normalmente, como primeiro idioma e fala mal o italiano, ou nem o fala (mesmo compreendendo-o). A quarta

---

1 Não teria sido possível realizar entrevistas se tivesse sido condição a assinatura dos participantes, que preferiram, em sua maioria, o total anonimato, que evidentemente garanti e, portanto, os nomes indicados no artigo são fictícios. O registro, feito em formato mp3, foi entregue aos participantes em CD, imediatamente após a conclusão da entrevista. Pela mesma razão de privacidade, a transcrição dos textos não tornou-se pública, nem foi restituída aos participantes.

2 Irmã Otilia Morgado e Irmã Milva Caro, da Congregação das Irmãs Missionárias Scalabrinianas. Através dele recebi também a ajuda preciosa da secretária da MCI de Solingen Maria Pina Siletti, que forneceu todos os dados referentes à MCI e à presença atual de italianos na região, a quem registro aqui meu agradecimento.

3 A opção de usar a idade de 14 anos e não 18 para a distinção das gerações se deve ao fato que a partir dos 14 anos, naquele tempo, a pessoa podia entrar regularmente no mercado de trabalho e, portanto, os adolescentes que imigravam, com 14 anos ou mais, normalmente por reunião familiar, preferiam ir para a fábrica do que para a sala de aula. A idade não estava na faixa da obrigatoriedade escolar alemã e, portanto, estas pessoas, que os estudos usualmente colocam na geração 1.4, na verdade, não aprenderam corretamente o alemão e até hoje se exprimem com muita dificuldade no idioma do país onde vivem, mesmo há 40 anos.

geração é composta, ainda, sobretudo de crianças. À complexidade da convivência entre as quatro gerações indicadas, acrescenta-se o fato que, por vezes, a primeira geração é composta de duas gerações que emigraram com poucos anos de diferença entre elas. Outras vezes, a segunda geração pode ter, na mesma família, pessoas com mentalidade e perfil identitário-cultural similares à primeira geração e pessoas que se aproximam muito mais da terceira geração.

### **A Missão Católica Italiana em Solingen-Remscheid**

As cidades de Solingen e de Remscheid, que atualmente são o território de referência da MCI, que tem sede em Solingen, estão situadas no noroeste da Alemanha, cerca de 40 km de Köln e 30 km de Düsseldorf. Trata-se de uma área muito próxima à grande Ruhrgebiet, que foi cenário de intensos fluxos de imigração de italianos e de imigrantes de outras nacionalidades, particularmente nas primeiras décadas após a segunda guerra mundial. Tais imigrantes dedicaram-se fundamentalmente à indústria pesada e à extração do carvão. Das cidades da região que já tiveram uma MCI, é uma das poucas que atualmente ainda conta com recursos humanos e materiais específicos e especializados para os cristãos católicos de língua italiana, apesar de não ter mais sede e infra-estrutura própria, pois atualmente partilha o mesmo espaço físico com a comunidade autóctone, para o culto e para as principais atividades da comunidade, não sem dificuldades. Escritório e pequeno espaço para atividades comuns ainda continuam sendo reservados para a MCI, seja em Solingen, seja em Remschied. Anteriormente havia três centros somente na cidade de Solingen e outros nas cidades vizinhas, como Leverkusen e Mettmann. Atualmente, em toda a diocese existem somente quatro MCI: além de Solingen-Remscheid e Köln, continuam as MCI de Wuppertal e de Düsseldorf <sup>4</sup>.

A MCI é uma estrutura equivalente àquela das paróquias territoriais, com a especificidade que sua competência não é territorial, mas reservada para a população de língua e cultura italiana, em sua quase totalidade provenientes do sul da Itália. Com a chegada na região dos primeiros imigrantes, fundamentalmente homens, *Gastarbeiter* (trabalhadores hóspedes), operários na indústria local durante os anos 1960, iniciaram-se também os esforços da igreja católica para garantir, junto a tais pessoas e, em breve tempo, também a suas famílias, a presença de ministros de culto da religião (e confissão) e da língua e cultura dos migrantes, assim como de assistentes que garantissem o acompanhamento humano, social e espiritual daquela população migrante, em sua totalidade católicos. Após contatos esporádicos por parte de um sacerdote que residia e trabalhava entre os italianos de uma cidade próxima a Solingen, a partir de 1973, com a abertura de uma comunidade das Irmãs Missionárias Scalabrinianas, iniciou-se também a organização de uma estrutura funcional, que, sucessivamente, assumirá a figura jurídico-canônica de MCI.

---

4 A crise que marcou o redimensionamento do número e do perfil das MCI atinge todas as comunidades católicas da Alemanha, estrangeiras e autóctones. Trata-se de um processo que iniciou há décadas e se explica por uma complexidade de fatores, entre os quais pode-se sublinhar em particular a diminuição de ministros de culto (sacerdotes) e os cortes de budget disponível nos cofres da Igreja Alemã, que financiava e financia o serviço.

A MCI tornou-se rapidamente centro de cultura e de fé, de assistência aos italianos e de interlocução com a Igreja Local. Cresceu o número de agentes de pastoral e o apoio financeiro e infra-estrutural por parte da Diocese alemã de Köln. Nos espaços da MCI os italianos da primeira geração e da geração 1.5 encontraram e criaram muitas possibilidades de encontros, festas, partilha de vida, confraternização entre as diferentes coletividades das várias regiões de origem e puderam contar com lideranças internas e lideranças religiosas institucionalmente reconhecidas (sacerdotes e freiras) que se tornaram, com o tempo, referências para tais migrantes, não somente sobre temas religiosos, mas também para todas as situações e as questões pessoais e familiares, identitárias e até profissionais.

Com a reunião familiar que se intensificou em poucos anos após a chegada dos primeiros fluxos e a particularidade das políticas migratórias na Alemanha, cujo foco era tratar o estrangeiro como hóspede, que em breve deixaria o território nacional e, portanto, não incluía políticas de integração, a MCI também assumiu um papel fundamental de referência, socialização e assistência para as famílias italianas. Mas, com o passar do tempo, aqueles fluxos foram se estabelecendo e as estatísticas do Stadt (município) de Solingen apontam em 2009 uma população em torno a 10.000 italianos naquela área geográfica: 5.344 italianos e 1.412 ítalo-alemães, com dupla nacionalidade, em Solingen. Em Remscheid, que constitui uma única MCI com Solingen, viviam em 2009 o total de 2.828 italianos e 912 ítalo-alemães. Apesar da diminuição do estoque de migrantes italianos, sem dupla nacionalidade, que em dezembro de 1999 eram 6.391 em Solingen e 3.604 em Remscheid, a comunidade católica italiana atualmente representa uma das comunidades cristãs mais numerosas e dinâmicas entre as 20 paróquias territoriais (alemãs) de Solingen e Remscheid (PERSONALSCHEMATISMUS FÜR DAS ERZBISTUM KÖLN, 2009/2001). A comunidade italiana tem uma participação média semanal de 320 a 450 pessoas ao culto em língua italiana nas duas cidades, segundo a Curia Diocesana (AMTSBLATT DES ERZBISTUMS KÖLN, 2009) e um número irregular – mas em forte calo – de crianças que participam dos ritos de iniciação cristã na comunidade, que vai entre 62 de 1999, 79 de 2002, 45 de 2007 e 13 de 2009 para o rito da Primeira Comunhão, por exemplo (REGISTRO DE PRIMEIRA COMUNHÃO DA MCI DE SOLINGEN). Em 31 de dezembro de 2002, os estrangeiros somente na cidade de Solingen eram 22.980 pessoas (BOLETIM COMEMORATIVO DOS 30 ANOS DA MCI DE SOLINGEN, S/D, p. 3), que correspondia a 14,1% da população, dos quais 6.180 eram italianos, ou seja, 26,89% dos estrangeiros eram de origem italiana.

Nos últimos anos, a MCI de Solingen-Remscheid, como a totalidade das MCI na Alemanha e de certo modo também em outros países da Europa<sup>5</sup>, vive uma profunda crise que tem origem diversificada e se apresenta sob diferentes aspectos. Os membros da comunidade estão sendo interpelados pelo processo em curso. Na MCI de Solingen-Remscheid, diminuíram os recursos humanos e financeiros e, há décadas, discute-se sobre o modelo em si mesmo da estrutura “MCI” e seu papel junto aos homens, às mulheres e

---

5 Um volume com artigos e ampla coleção de fontes diretas para reconstruir a história das MCI na Suíça, por exemplo, foi organizado por TASSELLO, Giovanni Graziano. *Diversità nella comunione. Spunti per la storia delle Missioni Cattoliche Italiane in Svizzera 1896-2004*. ROMA/BASILEA: Fondazione Migrantes & CSERPE, 2005.

às crianças migrantes, junto à complexa comunidade italiana de hoje e até mesmo em respeito à Igreja Católica alemã. Algumas perguntas indicam o teor dos questionamentos: qual o sentido de se continuar com uma MCI hoje, em Solingen e em Remscheid (e na Alemanha)? Como superar as dificuldades atuais? A quais metas deve dedicar-se a MCI atualmente? Qual o perfil institucional que a MCI deve manter ou desenvolver para responder aos desafios de sua atual comunidade? Qual o papel da MCI entre os ‘migrantes’ da terceira e da quarta gerações? Quais as expectativas e necessidades que os membros vivos da comunidade esperam e querem da MCI e na MCI? O que os italianos que nasceram e/ou cresceram na Alemanha pensam, querem e esperam das MCI situadas nos arredores de onde vivem hoje?

Neste contexto, se insere a pesquisa<sup>6</sup> com a seguinte questão de fundo: qual o papel da MCI de Solingen-Remscheid na construção da italianidade dos italianos da região? E em modo especial, qual o papel desta MCI nos processos identitários das pessoas que frequentaram e frequentam seus espaços, atividades, ideias... ontem e hoje?

Digno de especial nota é o fato que a maioria das pessoas que participaram das entrevistas tiveram que fazer um esforço para se colocar na perspectiva da pergunta que motivava e guiava a pesquisa. Identidade e italianidade não são temas que interessam à comunidade neste momento histórico, e a relação destas pessoas com a MCI é uma questão removida do debate, ao menos assim apresentou-se o panorama durante as semanas da pesquisa. As pessoas que não tem mais interesse em participar da MCI falaram muito mais e com mais interesse de sua relação (passada) com a Missão. Houve também quem se emocionou e manifestou dificuldade para se expressar sobre o tema, pois está sofrendo com a ameaça de fechamento da MCI. Entre estas pessoas, a maioria são idosos e alguns são jovens da geração 1.5.

### Os principais resultados da pesquisa

Um dos principais resultados da pesquisa é a diferenciação entre as várias gerações das mesmas famílias migrantes na vivência do elemento religioso e do papel da comunidade cristã (neste caso coincide com o mundo da MCI) nos respectivos processos identitários. Por um lado, a primeira geração e a geração 1.5 recorrem à participação à prática religiosa e à vivência comunitária que os espaços e as atividades coletivas proporcionadas pela MCI favorecem como algo fundamental para suas vidas; por outro lado, as gerações que nasceram e/ou cresceram na Alemanha, mesmo as que no passado tenham participado da vida da MCI, atualmente interpretam prevalentemente como indiferente ou até desfavorável para seus projetos de vida a participação efetiva ou afetiva às atividades e práticas católicas e italianas que a MCI proporciona. Merece destaque o fato que integram a primeira geração e a geração 1.5 pessoas que chegaram há mais de 40 anos em jovem idade, assim como pessoas da mesma faixa etária, mas que iniciaram seu projeto migratório nos anos de 1980 ou até mesmo nos anos mais recentes. Convive portanto, na

---

6 É digno de nota o fato que a pergunta-chave que motivou a pesquisa não encontrou eco reativo nem interesse entre os entrevistados. Sua reflexão sobre a MCI se concentra sobre o risco de desaparecimento da mesma, as razões de tal risco e a busca por soluções de continuidade para uns, e o desinteresse pelo tema, para outros.



mesma realidade local e um mesmo contexto religioso, uma complexidade de perfis e de percepções dos processos identitários dos migrantes, que por sua vez, vivem etapas diferentes de seus projetos migratórios em momentos históricos diferentes do jeito de ser igreja e até mesmo da identidade sócio-cultural prevalente do catolicismo italiano. A forte diminuição do fluxo migratório que constituiu originalmente a comunidade em objeto explica a presença de grande maioria de pessoas adultas e idosas entre os entrevistados.

Alguns dados, em breve, a partir das 116 entrevistas semi-abertas. Quanto ao perfil: 47 tinham de 16 a 30 anos, 55 de 31 a 65 anos e 14 mais de 65 anos. Moravam na Alemanha: 49 desde o nascimento, 12 de 10 a 15 anos de imigração, 7 de 15 a 20 anos e 44 viviam naquele país há mais de 20 anos, no momento da entrevista. Quanto à pergunta sobre há quanto tempo frequentam a MCI: 59 responderam desde sempre, 24 há menos de 10 anos, 10 há menos de um ano e 17 responderam desde sempre, mas com interrupções. Cerca da metade dos entrevistados afirmaram que a MCI teve influência sobre eles e marcaram as seguintes três opções para explicar tal influência: pelas relações vividas na MCI, pelas Irmãs e Padres que atuaram na MCI e porque a MCI é a igreja. Somente 7 responderam que a influência da MCI deve-se à fé, a indicador do fato que a MCI reveste um papel fundamental nos processos identitários enquanto espaço de cultura italiana e de convivência social, para além do elemento religioso. Todavia, a referência às lideranças religiosas e à “igreja” devem ser também interpretados como uma linguagem popular para dizer o elemento religioso, pois a distinção teológica entre religião e fé deve ser considerada uma fineza que supera o nível médio de cultura religiosa dos interessados. Metade dos entrevistados sustentaram que a MCI apoiou os imigrantes para a inserção no contexto alemão, mas a outra metade considera que este apoio não aconteceu. Na perspectiva de uma análise dos processos identitários de italianos em um contexto linguístico-cultural tão diferente como aquele alemão, deve-se considerar tal apoio como um indicador relevante, pois indica uma expressiva porcentagem de pessoas que não tiveram religião como parte dos processos de reconfiguração identitária que a inserção no local de destino da migração faz acontecer. Se, por um lado, somente 3 respostas indicaram que a MCI foi de obstáculo para a inserção no contexto alemão, um quarto dos entrevistados afirmaram que em seus percursos de vida participaram regularmente e desde pequenos do mundo alemão e que, portanto, não tiveram “necessidade de recorrer” à MCI. A principal atividade da MCI indicada como importante para os entrevistados (70% de incidência) foram as amizades vividas na MCI, seguida pelo culto em língua italiana em 55% dos casos e as festas típicas para 40% dos imigrantes que responderam ao questionário.

À resposta final, se a MCI é importante para a identidade atual dos entrevistados, 75% respondeu afirmativamente. Vale lembrar que tais entrevistas foram respondidas por pessoas que frequentam atividades na MCI atualmente, especialmente culto e grupos de interesse (jovens e folclore) e, sobretudo, que o momento atual é de forte crise ligada ao fato que a própria instituição MCI pode terminar e, portanto, sublinhar sua importância por parte de quem dela participa, pode ser fundamental. Enfim, 41% das respostas indicam que, apesar da diminuição de atividades que a MCI vive nos últimos anos, os imigrantes não sentem falta das atividades que foram anuladas de sua agenda. Ao menos 24 respostas indicaram, entre as atividades que sentem falta, os cursos profissionalizantes que a MCI oferecia na primeira fase da imigração, na década de 1970, o que indica que

quem sente falta, são principalmente os idosos.

A apresentação de resultados das entrevistas abertas é muito mais difícil, pela quantidade e pela qualidade das informações recolhidas, as quais contêm muitas tensões e leituras diferenciadas sobre os processos vividos pelos interessados. Para os limites da presente exposição os dados se limitam aos pontos mais relevantes da segunda e da terceira geração, recolhendo a tal fim pareceres e informações de todas os e as participantes das doze entrevistas abertas.

### **O papel da MCI na construção/ transformação identitária**

Em contexto migratório, a religião revela de modo especial seu valor antropológico e cultural, por ser um dos lugares de interpretação das vivências que o fato migratório produz e da respectiva re-elaboração identitária, em consequência das transformações que todo deslocamento populacional provoca. Segundo Marinucci, “o tradicional envio de padres, pastores, religiosos e religiosas para acompanhar os migrantes, ou a insistência das igrejas na preservação das tradições culturais, principalmente da língua, representam tentativas de manter significativos referenciais identitários” (MARINUCCI, 2007:92). A íntima relação entre cultura dos imigrantes italianos e fé católica está na origem da “necessidade” de fundar as MCI junto aos italianos no exterior e explica seu desenvolvimento e as atuais buscas por soluções aos problemas que ameaçam sua continuidade<sup>7</sup>.

O problema é que entre nós, na MCI, existem demais grupos diferentes, vamos dizer... os idosos... aqueles que trabalharam antes, com outro modo de fazer... e nós que trabalhamos agora e estes dois modos de fazer não se encontram, nem podem se encontrar porque antes era antes, quando tinha o padre, tinha as pessoas, tinha também a possibilidade do dinheiro, hoje, mesmo querendo não podemos fazer todas essas coisas, mesmo que queiramos fazer... Isto é porque eu falo como uma alemã.

Segundo De Oliveira Santos, que estudou o tema da identidade dos descendentes de italianos em uma região no sul do Brasil, em contexto migratório

a religião funciona freqüentemente como um elemento aglutinador e propiciador de uma rede de proteção social, ao mesmo tempo em que atua como um espaço de manutenção da identidade étnica. No caso que estudamos, a religião é sempre apontada como um elemento central para explicar a solidariedade intergrupar, e também como um fator distintivo entre os descendentes de imigrantes italianos e os demais brasileiros que habitam a região (DE OLIVEIRA SANTOS, 2004: 277).

---

7 Um exemplo deste esforço é que na MCI onde foi realizada a pesquisa, o sacerdote diretor da MCI sabe o italiano, entretanto, há diversos anos, os diretores da MCI já não são mais de nacionalidade italiana. Assim também para as religiosas que compõem a equipe de assistentes pastorais da mesma MCI.

Muitos dos depoimentos indicam a co-presença de elementos religiosos e elementos de simples necessidade de convivência social, para a qual o elemento religioso poderia ser irrelevante:

Pode-se dizer que a MCI é um bem e um mal. É a pessoa mesma que deve... A missão lhe dá uma ajuda na fé, pode lhe ajudar também se você precisa de orientação sobre burocracias várias, podem lhe dar esta ajuda, claro, lhe orientam, lhe dizem onde ir, se tem algum advogado italiano, isto é, estas informações, porém depois a vida tem você mesmo que ver. A missão não pode lhe dizer: você tem que viver assim ou assim. A missão não é só a missa, são também as pessoas que vão lá. Quando se encontram, aprendem uns dos outros. A missão pode ser também um mal... Um bem porque para muitos, se não existisse a missão, não saberiam o que fazer, porque ali encontro quem fala meu idioma e mesmo que se exprimam em dialeto, se entendem, porque com os alemães nem mesmo com gestos...<sup>8</sup>.

No caso dos italianos na Alemanha, o componente religioso na formação e na manifestação pública do perfil identitário dos imigrantes provavelmente é significativo, respeito ao peso simbólico que, historicamente, a religião (neste caso a confissão evangélica)<sup>9</sup> ‘outra’ dos autóctones mantém, pois esta, na sua diferença, afirmava, sobretudo no início do fluxo, um perfil identitário local diferenciado, diante do qual os imigrantes podiam sentir a necessidade de afirmar-se.

Somos católicos e não temos intenção de mudar. Se não existisse a missão não teria sido a mesma coisa, porque não teríamos tido, não digo um ponto de referência porque se alguém quer... pode mesmo ir na missa em alemão, ok, porém ir na missa alemã... do italiano pegar tudo da Alemanha? Para mim, perderia também os valores, a cultura... Eu acho errado para nossa cultura, perder tudo... [Mas] Se alguém acha oportuno ir sempre pela estrada dos italianos, perde a Alemanha!

A religião católica, entre os entrevistados, à diferença do que alguns estudiosos<sup>10</sup>

---

8 Para preservar a privacidade das pessoas que participaram da pesquisa, e considerando que não consta mais de uma citação por entrevistado, os nomes foram omitidos do texto. As entrevistas foram feitas em italiano e, em caso de pessoas que não conseguiam se expressar em italiano, foi aceito o alemão. As traduções são da autora.

9 Este tipo de dinâmica, registrada mais nos primeiros anos do fluxo estudado, atualmente é praticamente inexistente. Os dados estatísticos também confirmam a tendência percebida empiricamente, que a pertença católica ou evangélica já não marca a diferença, nem mesmo estatística, entre as pessoas pertencentes a diferentes confissões, no contexto alemão. Cf. [http://fowid.de/fileadmin/datenarchiv/Religionszugehoerigkeit\\_Bevoelkerung\\_1950-2008.pdf](http://fowid.de/fileadmin/datenarchiv/Religionszugehoerigkeit_Bevoelkerung_1950-2008.pdf).

10 Cf. por exemplo Seyferth. Segundo a antropóloga, encontra-se clara a relação entre religião e manutenção de identidade entre os italianos descendentes da velha imigração, no Brasil: “Entre os imigrantes italianos, apesar das identidades regionais percebidas nas colônias do Sul e em São Paulo, consolidou-se o sentimento de **italianità**, em parte construída pela Igreja católica (através do clero italiano) – a religião, ou a fé católica, confundindo-se, em parte com a “consciência nacional”. Seyferth, Giralda. “Os imigrantes e a campanha



têm notado entre os italianos no exterior ou os descendentes dos fluxos migratórios da grande emigração acontecida entre o século XIX e o século XX, não aparece como sendo um elemento identitário que os descendentes dos imigrantes italianos tenham adotado ou mantido nos processos de interação e integração no contexto local. Ao menos não em modo relevante. Da primeira geração dos italianos que emigraram para Solingen e Remscheid pode-se até afirmar que encontrou, na religião, não só espaço e modo para afirmar um dos principais elementos de sua identidade cultural, mas também um refúgio para sua situação de desenraizamento cultural, proteção e cura de sua *Heimweh* (saúde, literalmente “dor do lar”) e até mesmo espaço de resistência a certas formas de integração ou assimilação pretendidas no contexto local, mais por incapacidade e falta do idioma, que por efetiva rejeição. Porém, atualmente, tal importância atribuída à religião católica aparece quase irrelevante.

Porque lá [na MCI] existe uma identidade, os italianos ainda encontram sua identidade. A MCI reúne aqui mais pessoas. Porém, se não existisse a MCI, não se encontraria absolutamente, mesmo que agora se reúnem menos que no passado. Se fechar a MCI, vai ser como ovelhas sem pastor. É um ponto de referência, um ponto de encontro, é uma coisa diferente para nós italianos. A MCI era como se você se encontrasse na Itália, pela cultura e pela fé também.

Com certeza naquele tempo a MCI era um ponto de referência para onde ir, onde encontrar aquelas amizades, aquelas pessoas de sua mesma idade. Hoje, tenho que dizer, com a MCI tenho pouco o que compartilhar porque por falta de tempo, pelos filhos, pelo trabalho, tenho que dizer, devo ser sincero: prefiro mais ficar aqui com meus pais do que ir para as atividades da MCI...

Acho que as pessoas mesmo deixam morrer a MCI. Porque muitos... talvez não têm mais interesse. Porque a geração de hoje já... os jovens nasceram todos aqui. Porque, mesmo tomando a minha geração como exemplo, nós que viemos aqui com 14 ou 15 anos de idade, uma pessoa se integrou aqui e depois de 40 ou 50 anos, se antes não freqüentou a MCI, por exemplo, hoje da MCI não sabe nada, nem sabe que existe.

[A MCI] pode ser um obstáculo porque tem gente que pratica somente lá, pratica somente com os italianos e não pode se integrar aqui com a sociedade alemã, fica sempre ali fechado e não vai pra frente na vida e se um dia a MCI não existir mais fica só na vida, portanto isso, depois, poderá ser um obstáculo... (*outro membro da mesma geração e da mesma família – n.d.r.*): Eu vejo a coisa diferente dela... porque, a meu ver, para nós... para mim a MCI não é um obstáculo, porque, a meu ver, nos ajudou a manter algo que nós, pessoalmente, nunca teríamos vivido... porque nós nascemos aqui e a Itália nós a conhe-

---

de nacionalização do Estado Novo” in PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*, Rio de Janeiro: FGV, 1999, p. 206.

ceamos somente nas férias... na MCI nos foi transmitido pelo menos um pouco de nossa cultura italiana, pelo menos através do idioma... falando em italiano com os demais você se mantém um pouco naquilo que seus pais tentaram lhe transmitir... na MCI encontramos nosso círculo de amigos, que ainda existe, lá nos conhecemos... para nós foi, de verdade... nossa vida aconteceu na MCI e isso nos deu a direção justa... encontramos o que buscávamos, que não havíamos encontrado junto aos alemães.

A importância do sentimento coletivo e da conservação (e invenção) de uma memória coletiva foi fundamental neste processo. Segundo Halbwachs, a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, pois todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. A origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo. A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 2004: 55). À distância de menos de 50 anos do início daquele fluxo, os diálogos em contextos familiares realizados durante a pesquisa mostram claramente que os valores e argumentos de referência para identidade e projetos de futuro excluem totalmente (ou quase) a religião. A referência à “italianidade” é declarada explicitamente como sendo um elemento recebido, mantido e transmitido sobretudo na e pela família, não pela religião. Tanto que entre os jovens da segunda geração que, especialmente, entre os da terceira, no caso da valorização de elementos religiosos, os ritos podem ser indiferentemente na comunidade italiana ou naquela alemã, indicando uma distinção ou até estraneidade entre processos identitários e a religião. Nos discursos aparece uma tendência a considerar a “parte italiana da identidade” como algo individual, a ser vivido na família, com exigência como que intrínseca a manter certa distância e respeito às práticas comunitárias, que podem ajudar, à condição de ser uma opção decidida e assumida pelos adultos da família.

Não sei dizer quanto a MCI me influenciou. Ao menos... Em algo influenciou com certeza porque desde criança frequentei a MCI, mas não sei dizer quanto, algo sim... A grande parte recebi da família. A sociedade alemã em geral tem mais peso que a MCI, com certeza, veja-se quanto tempo passei na MCI e quanto passo fora, no mundo, é claro que minha *Weltanschauung* [visão de mundo – n.d.r.] é mais influenciada pelo mundo de fora.

Os valores ou os tens ou não os tens. A MCI... sim, é claro, te ajuda, mas os valores são coisas... que vêm... Depende em qual família você cresce. Eu sempre digo... espero que posso dar à minha família aquilo que meus pais me deram...

Interrogados sobre quais os elementos da italianidade que transmitem aos filhos, os entrevistados encontraram dificuldade em responder.

Assim, o caráter imprescindível da MCI pertence, fundamentalmente, à primeira

geração e à geração 1.5<sup>11</sup>, seja aquela coletividade composta sobretudo por pessoas que chegaram na Alemanha nos anos 1960 e 1970, que aquela, muito menor numericamente, que chegou nas últimas décadas. Portanto, é possível encontrar ainda hoje, mesmo entre os jovens, quem exalta e defende um papel importante da MCI em seus processos identitários. Trata-se especialmente de pessoas de recente imigração ou de “imigrantes que jamais imigraram” (SAYAD, 1998: 71) na Alemanha por terem nela nascido, mas que fizeram por duas vezes a migração de retorno, na infância e adolescência: o *rientro* (retorno) à Itália dos pais e o retorno, alguns anos mais tarde, à Alemanha, onde haviam nascido.

Se não existisse a MCI eu teria ido de vez em quando na missa alemã... até que eu teria me acostumado à missa alemã... Eu não teria feito um caminho de fé, como fiz. Meus valores teriam ficado em mim, pois os aprendi desde pequena, em casa e tudo, tendo valores importantes, porém meu caminho de fé, no verdadeiro sentido da palavra, eu não teria feito com os alemães. Isto tenho como uma certeza para mim.

[Os jovens hoje] não frequentam nem a igreja italiana, nem aquela alemã. A nós, a mim aquela italiana deu algo, ao invés minhas netas, vamos dizer, como a G. [terceira geração – n.d.r.] e aquelas outras duas minhas netas, não têm nem a igreja alemã nem a italiana. Vivem longe... O problema é que não se busca mais nada da religião, esta juventude que cresce agora...

Com o passar das gerações, não acontece uma negação da identidade italiana; mas uma sua “essencialização”. Trata-se de um processo que tem duas características particularmente fortes. A primeira aparece como uma visão da identidade cultural italiana mais abstrata, referida a alguns valores considerados tipicamente italianos, que se fortalecem diante da diferença de modelos de vida e, sobretudo, de família do contexto alemão onde vivem. Interrogada sobre tais valores, uma mãe da geração 1.5, apesar de encontrar dificuldade em se expressar, reconhece que faz novas sínteses entre valores da cultura de origem e valores do país onde vive.

Existem valores alemães que assumo para mim na educação que dou aos meus filhos. Não saberia dizer quais, talvez sou diferente ou falo mais com meus filhos. Antes, aquilo que os pais diziam você tinha que fazer e não se podia abrir a boca, os pais tinham a última palavra, enquanto que agora os pais têm que negociar, discutir mais, brigar mais e quem vence, vence, assim é. Antes a coisa era diferente.

---

11 Sempre foi uma convicção entre os migrantes e entre as lideranças eclesiais que a MCI era “indispensável para salvaguardar a cultura e as tradições religiosas” dos italianos no exterior (cf. citação de 1994 em artigo de TASSELLO, Giovanni Graziano. “Annotazioni storico-pastorali sulle missioni cattoliche italiane in Svizzera nel secondo dopoguerra” in IDEM (org.) *Diversità nella comunione. Spunti per la storia delle Missioni Cattoliche Italiane in Svizzera 1896-2004*. ROMA/BASILEA: Fondazione Migrantes & CSERPE, 2005, p. 228), porém, os testemunhos dos membros atualmente ativos na MCI indica que o mesmo não vale, igualmente, para as gerações que cresceram ou nasceram e cresceram na Alemanha.

Jovens da segunda ou da terceira geração afirmam que os valores tipicamente italianos que receberam de seus pais estão presentes nos limites que os pais lhes colocam como, por exemplo, horário para retornar quando saem à noite ou necessidade de autorização para viajar, ou ainda nos ritos religiosos e na importância da família, que é também o valor mais sublinhado pelos adultos.

A mentalidade da família... que os alemães não têm mesmo, sim... verdadeiramente! Aqui não se encontra uma família unida... E nossos filhos, graças a Deus ainda têm... eles conservam a importância da família. E depois, a relação com o dinheiro. Eles sabem poupar... e ainda os símbolos dos italianos no exterior... a comida italiana... Faço todos os dias a meus filhos a lição: os valores da família, os valores dos irmãos, o valor do respeito à mãe e ao pai, isto... penso que até agora estão no bom caminho.

A segunda característica tem mais a ver com saberes culturais (SOUZA SANTOS, S/D)<sup>12</sup>, entre os quais a culinária e, em menor proporção, com algumas tradições folclóricas. Pizzarias, sorveterias e alimentares tipicamente italianos são visivelmente expressão de uma alteridade que os italianos vivem em Solingen e Remcheid, pela qual têm reconhecimento e estima dos alemães e de outras nacionalidades (imigrantes) que vivem na região. Tal identidade cultural reduzida a uma identidade nuclear italiana representa o orgulho da identidade ítalo-alemã socialmente reconhecida, que não é nem italiana, nem alemã, é muito comum a partir da segunda geração e, em certos casos, é presente atualmente já entre os imigrantes da primeira geração que retornaram para a Itália uma vez, e depois decidiram remigrar para a Alemanha, como opção que, atualmente, vivem como definitiva.

Posso dizer que tenho o privilégio de ter conhecido duas culturas diferentes. É também um bem isto porque existem coisas que eu gosto da cultura alemã e outras que não gosto. E assim também da cultura italiana. Espero de ter assumido o melhor das duas culturas. E criei uma cultura toda minha, penso!

Dizer que sou italiana ou alemã depende do momento... Certas vezes penso à alemã, porque a gente vive aqui; e existem momentos em que me deparo pensando como meus pais, à antiga... são coisas que vêm à mente, porém onde você vai, vai... quando vamos na Itália, somos alemães, se ficamos aqui somos italianos. No final das contas para estar bem tem que ficar dentro de quatro paredes.

Me sinto na verdade, alemão, porque tenho amigos alemães, aqui... e vou para uma escola alemã. Meus documentos são italianos... porque tenho uma família italiana e portanto meus parentes são italianos (*de-*

---

12 A autora, assim explica o conceito de saberes culturais: “são concebidos como acúmulo de conhecimento produzido por várias gerações; conhecimentos construídos com sentido de pertencimento, marcado pelas formas de viver e compreender o mundo, suas representações e valores”, p. 1.

*poimento em alemão).*

Sou ambas: italiana e alemã e nem italiana nem alemã... casei com um homem alemão... não sei quem sou, esta soul!

Eu diria que sou um pouco uma mistura. Então... não sou totalmente alemão, é claro, mas para os italianos, quando vou para a Itália, sou claramente um alemão; no entanto aqui, quando estou junto com os alemães, eu sou sempre um italiano. Assim eu sou ambos, um pouco de cada (*depoimento em alemão*).

Dois eixos emergem nos discursos dos entrevistados como referenciais identitários: o passado, ao qual pertence em modo claro a MCI e a religião em geral, e o futuro, onde o “sucesso na vida”, expresso em alguns parâmetros de bem-estar sócio-econômico, aparecem como fundamentais, por exemplo, ter imóvel próprio, mesmo que o pagamento possa comportar uma dívida que supera até duas décadas; fazer anualmente ou ao menos periodicamente viagens para a Itália onde, ainda para a maioria, a “casa” construída com o suor da migração é um diferencial; e, garantir aos filhos estudo e um bom emprego. O primeiro eixo tem cada vez menor peso a cada geração que passa, e o segundo cada vez maior importância, até mesmo pela necessidade de enfrentar os desafios de conseguir espaço e sucesso no país escolhido para viver, e onde, à diferença do passado, as crianças filhas de estrangeiros não nascem mais estrangeiras, mas recebem cidadania alemã automaticamente.

Não considero justo que as pessoas valorizem somente o mundo italiano e não assumam para si o mundo onde vivem... isto é, não participem da realidade aqui, onde vivem! Têm pessoas que se fecham e depois acabam colocando em dificuldade também os filhos, com este fato de não participarem da vida local... por exemplo, não participam às reuniões na escola, são pessoas muito fechadas no mundo italiano. Ensinam ao filhos somente a falar siciliano, por exemplo... quando as crianças saem da família não sabem falar... é importante também saber o italiano, de fato minha filha o entende. À idade de 4 anos, quando foi para a creche, falava somente italiano e teve dificuldades no início e eu aprendi daquele fato. Para mim é muito importante que ela se dê bem.. o valor italiano seguramente é importante, mas não tanto quanto era importante para nossos pais.

Hall ajuda a entender tal fenômeno:

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção, não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos

tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”. Elas têm tanto a ver com a invenção da tradição quanto com a própria tradição, a qual elas nos obrigam a ler não como uma incessante interação mas como “o mesmo que se transforma” (Gilroy, 1994): não [somente] o assim chamado “retorno às raízes”, mas [também] uma negociação com nossas “rotas”(SILVA, 2000: 109 *apud* HALL).

A importância da mobilidade social e do sucesso parece ser maior que a importância dada, pelos entrevistados, à fidelidade a ser atribuída à herança cultural ou religiosa e, até mesmo, ao projeto migratório familiar de origem: os idosos são como que submetidos aos valores dos filhos e dos netos, cujos projetos de vida têm prioridade e, tradicionalmente, as vidas, as moradias e muitos projetos futuros são entre eles compartilhados.

Nesse processo de transformação identitária, vale notar que, assim como para outros grupos étnicos, também nesse contexto, as mulheres das novas gerações têm mostrado uma particular flexibilidade e porosidade em respeito às culturas e aos valores dos povos com os quais, no percurso migratório, entraram em contato. Muitas delas “querem caminhar do seu jeito, sem separar-se da cultura e dos valores de seus pais... /.../ Elas não vêem contradição entre a ‘vida moderna’ do individualismo, por um lado, e a forte orientação familiar, a inevitabilidade do matrimônio e os crenças religiosas, por outro. Elas se sentem livres de navegar entre suas diferentes identidades” (NANZ, in BENHABIB & RESNIK, 2009: 420).

Eu digo: sou italiana no coração e alemã na cabeça. E gosto disso. Ao mesmo tempo tenho orgulho de ser italiana, porque gosto mais da cultura italiana do que da cultura alemã, porque os alemães são muito diferentes de nós. Na realidade, nós crescemos com a mentalidade italiana, porém devo admitir que era a mentalidade italiana de nossos pais, que eles haviam trazido da Itália 30 ou 40 anos atrás, não a mentalidade italiana de hoje... Então, fiz algo muito prático: peguei as coisas boas da cultura italiana e daquela alemã, assim o bom ficou para mim!

O caráter “dispensável” da MCI para os processos identitários no contexto estudado não é um parecer referido à estrutura e significado da MCI enquanto tal, mas à percepção de seu papel no projeto migratório, ou melhor, no projeto de vida, de grande parte dos entrevistados. Para os migrantes que vivem nas primeiras etapas do projeto migratório, não aparece alguma forma de questionamento sobre a pertinência e a necessidade da MCI em seu momento presente e em seus processos de re-elaboração identitária, especialmente. De fato, Petris (2005: 278) afirma que “ninguém pode fixar data ou prazo de vencimento para a integração de uma pessoa ou um grupo étnico”, o que significa, concretamente, a defesa do papel das MCI na atual realidade que os italianos emigrados na Europa vivem<sup>13</sup>.

---

13 Entre 1996 e 2000, 31 mil voltaram para a Itália e 43 mil emigraram, o que indica que a emigração italiana



Para mim mudou... Minha mãe ainda hoje freqüenta a MCI... eu já não mais. Porque desde criança sempre freqüentei, depois fui para a escola, fiz o curso profissional... praticamente eu estava mais com os alemães... Agora trabalho em escritório, sou *Industrie Kauffrau*. Agora, através de minha filha, na creche, na escola... fazem atividades na igreja, na comunidade alemã... estou mais envolvida lá, vamos dizer! Não freqüento mais a MCI... Não é mais como quando eu era criança.

[A MCI] foi o único ponto para mim onde uma pessoa pode ser italiana. Porque aqui, digamos, na Alemanha, igual... eu nasci aqui, mas podemos bem dizer que você é sempre estrangeiro e eles, nem sempre sublinham isto, mas muitas vezes este elemento aparece, você é sempre um estrangeiro... Quando você chega na Itália dizem: “Chegaram os alemães”... O único lugar onde você podia ser um pouco italiano era na MCI... agora não é mais assim.

### **Identities abertas. Identities complexas.**

O tema dos processos de formação e transformação identitária tem amplíssima bibliografia e os estudos sugerem muitas e divergentes pistas de análise. Os conceitos de identidade aberta de Sanna (2006) e o de identities complexas, que Maalouf (2005) e Haal (2005), entre tantos outros autores, ajudam a colocar a interpretação dos processos identitários das novas gerações em emigração dentro dos mesmos parâmetros de outros processos identitários no atual contexto internacional pluralista, fluido e em movimento. No entanto, com Pollak (1989 e 1992) e Halbwachs (2004) e seus estudos sobre memória e identidade, amplamente utilizados em estudos sobre processos identitários em contexto migratório, os processos identitários de migrantes ganham traços claros de uma especificidade própria da mobilidade humana.

Cada um de nós é depositário de dois legados: um “vertical”, que recebe de seus antepassados, das tradições de seu povo, de sua comunidade religiosa; o outro, “horizontal”, que recebe de seu tempo, de seus contemporâneos. É este último, parece-me, o mais determinante, e se torna ainda mais relevante atualmente; apesar desta realidade não se refletir em nossa percepção de nós mesmos. /.../ Não se trata de negar a importância de nossas pertencas religiosas, nacionais ou de outra natureza. Não se trata de negar a influência, até decisiva, de nosso legado “vertical”. Trata-se, sobretudo, a este ponto, de sublinhar o fato que existe um abismo entre aquilo que somos e aquilo que acreditamos ser (MAALOUF, 2005: 97-98).

---

não é só migração histórica. Cf. IARIA, Raffaele. “Chiese Locali, pastorale migratoria, missioni italiane” in *Servizio Migranti* n° 4, 2006, p. 359. O autor apresenta sobretudo argumentos teológico-pastorais em defesa da continuidade das MCI. “A transmissão e a experiência da fé estão ligadas de modo determinante à cultura, à tradição e à língua. Para as paróquias alemãs se torna difícil enfrentar sozinhas o compromisso da pastoral migratória...” p. 363.

Em seu volume sobre a identidade, Maalouf (2005) argumenta amplamente o fato que a identidade é fruto de um processo dinâmico e ininterrupto de construção, sínteses e elaboração a partir de elementos da memória e elementos das realidades cotidianas da vida de cada pessoa. Segundo o autor, é mais relevante o papel das pessoas nas transformações sofridas pelas religiões, do que o papel destas na construção da identidade cultural na história dos povos (MAALOUF, 2005: 60.62); prova disto seria o fato que as sociedades sempre produziram uma religião à sua imagem. Ele considera que

a posição do emigrante não é mais unicamente aquela de uma categoria de pessoas arrancadas de seu ambiente de origem, mas adquiriu um valor exemplar. Ele é a primeira vítima da concepção “tribal” da identidade. Se existe somente uma pertença que conta, se é absolutamente necessário escolher, então o emigrante fica dividido, em conflito, condenado a trair seja sua pátria de origem, seja sua pátria de adoção, traição que vai viver inevitavelmente com amargura, com raiva (MAALOUF, 2005: 41).

Durante toda a pesquisa, a realidade de crise institucional que a MCI de Solingen-Remscheid, assim como muitas outras MCI do mesmo modelo entre italianos no exterior, compôs um pano de fundo que influenciou os discursos em quase todas as entrevistas. Todavia, paradoxalmente, o eventual fim da MCI não constitui um efetivo problema para a grande maioria das pessoas que participaram da pesquisa. A última pergunta nas entrevistas abertas foi, para todos os participantes, qual seria a atividade principal que, se a MCI tivesse que se reduzir ainda mais, deveria ser mantida. A maioria respondeu que tal atividade é o culto na língua italiana (celebração eucarística), por respeito àqueles idosos e idosas que, mesmo querendo continuar a participar da comunidade cristã, não sabendo o alemão, teriam muita dificuldade em participar com a comunidade autóctone. Alguns pediram atividades formativas para crianças, cujo campo de atividade representou o ponto mais forte dos tempos de ouro das MCI, nos anos 1970 e 1980. Apesar das relações de amizade terem sido o argumento principal de valorização da MCI nas entrevistas semi-abertas e o tema da cultura e da identidade italiana ter sido o principal argumento em defesa da MCI entre as entrevistas abertas, parece que hoje a comunidade vive uma outra página de sua história e a relação entre religião e identidade cultural em emigração já não é mais uma conjugação apropriada.

Por um lado as relações hoje são cultivadas em outros espaços que compreendem primeiro a família e depois os espaços de trabalho ou socialização dos filhos em contextos interculturais ou ao menos multiculturais. Por outro lado, a cultura das gerações da 1.5 e as sucessivas nutrem-se sempre mais, mesmo em nível identitário, dos contextos de pluralismo em que vivem, não mais com prevalência no contexto reservado da comunidade italiana. Sobre isto, considera-se que existe uma “terceira cultura”, uma cultura de emigração, que não é nem a de origem, nem a do país de imigração<sup>14</sup>. Seyferth (2004:12) fala de “distância cultural” que as gerações sucessivas à que emigrou inicialmente vivem, seja em relação à primeira geração, seja em relação aos cidadãos em geral e à cultura do país para onde

---

14 A expressão “terceira cultura” é de Seyferth, citada por DE OLIVEIRA SANTOS, Miriam, *op. cit.*, p. 27. Caro preferisse a expressão “cappuccino”, riferida à geração de imigrantes que nasceu e/ou cresceu em terra estrangeira: CARO, Milva. “Giovani migranti e la rielaborazione identitaria in contesto migratorio” in *REMHU*, vol. 16, n° 31, 2008, pp. 317-324.

seus antepassados emigraram. Formas claras ou formas sutis de rejeição dos estrangeiros pelos autóctones aumentam as possibilidades desta diferenciação em respeito às duas culturas de referência, junto a formas de afirmação identitária por resistência e por contraposição (CASTELLS, 2002:22-27), pois “a construção das identidades só pode ser compreendida por seus referentes sociais e culturais e pela alteridade configurada por fronteiras intergrupais” (CASTELLS, 2002: 34). Não foram identificados muitos casos de processos identitários por oposição entre os entrevistados, exceto alguns casos individuais isolados, apesar de uma inicial reação bastante difundida à atual política migratória de integração praticada na Alemanha, que é considerada assimilacionista pelos italianos participantes à pesquisa. Neste sentido, emerge novamente uma especificidade dos processos identitários no contexto onde foi realizada a pesquisa, respeito a certas características dos processos identitários de descendentes de italianos de fluxos migratórios precedentes à primeira grande guerra. Para a velha emigração, que atualmente tem seus descendentes entre a quarta e a sétima geração ou até mais, “a cultura ‘italiana’ é assumida como um elemento de diferenciação”, segundo Da Oliveira Santos. Para a estudiosa, “há uma construção histórica de uma identidade, ligada a determinados comportamentos, que estão associados ao sentido de pertencimento a um grupo. Acontece neste caso um privilegiamento de natureza biológica (a descendência italiana) para explicar fenômenos sociais, inclusive o desenvolvimento econômico...” (DE OLIVEIRA SANTOS, 2004: 260-262).

Pollak ajuda a entender os processos identitários em contexto migratório, pois para ele o foco está nos processos de construção de identidade social, nos quais a seleção da memória e a construção ou elaboração da memória coletiva têm um peso determinante.

*A priori*, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. /.../ Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os *acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. (POLLAK, 1992: 201).

Nas entrevistas, este fenômeno de seleção e construção de uma memória coletiva, “*elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992: 204), foi particularmente evidente. O exemplo clássico de filhos que citam fatos vividos pelos pais, como se os tivessem experimentado pessoalmente, mas que aconte-

ceram em data precedente a seu nascimento ou à sua chegada em emigração, apareceu repetidas vezes nas entrevistas abertas. O tema que mais favoreceu este tipo de processo durante as entrevistas foram as relações importantes, especialmente, com algumas religiosas e alguns sacerdotes que trabalharam na comunidade<sup>15</sup>, nos quase 40 anos desde o início da presença de lideranças católicas em Solingen e em Remscheid. Para os mais idosos e para aqueles da geração 1.5 que sentem falta dos tempos de ouro da MCI, aparece claramente o desejo de “recompôr a vida coletiva” (ECKERT, 1993: 63), porque aquele período foi fundamental para o próprio percurso migratório e, portanto, no processo de elaboração identitária realizada nas primeiras fases do próprio projeto migratório. Ao mesmo tempo, porém, aparece nas entrevistas casos de pessoas que expressamente preferem tomar distância do sentimento coletivo de desenraizamento cultural da coletividade migrante que participa da MCI, por não identificarem-se pela categoria migrante para autodefinirem-se. Trata-se de uma estratégia identitária que aparece em modo transversal nos mais diversos fluxos migratórios, como bem notou também Vangelista (1999: 274), em seu estudo de história de vida de três mulheres migrantes no Brasil.

### Algumas questões abertas

O conceito ou ideia de italianidade, apesar da dificuldade teórico-conceitual de sua elaboração, é uma referência clara e constante entre os italianos entrevistados. Para a primeira geração e para a geração 1.5, e em raros casos também para as demais gerações, a MCI ou a religião católica – tomadas normalmente como equivalentes neste contexto – têm intrínseca relação com a italianidade, seja *a priori*, pela referência ao país e à cultura de origem, seja pela leitura que é feita dos primeiros anos em emigração. A presença da MCI como um espaço polivalente, que vai além de sua fisionomia religiosa e inclui, ainda hoje, apesar de ter diminuído muito com o tempo, também atividades assistenciais e culturais, favorece a identificação entre identidade italiana e religião católica. Atualmente, nem no quadro de valores e de interesses das novas gerações, nem no conjunto das atividades socioculturais da MCI, tem mais espaço efetivo a relação íntima ou pertença recíproca entre cultura italiana e religião católica, apesar de muitos discursos continuarem repetindo quasi mecanicamente que a MCI é a referência da italianidade em Solingen ou em Remscheid. Como esta questão evolverá nos processos identitários dos membros da comunidade e nas decisões institucionais sobre a continuidade ou não da MCI *in loco* (e as modalidades destas etapas)?

A relação intrínseca entre fé católica (tradicional) e identidade cultural, para o contexto religioso-cultural italiano da região de origem dos fluxos que compuseram a comunidade de cerca 10.500 italianos atualmente residentes em Solingen e em Remscheid, explica muitas influências (e resistências à influência) da MCI nos processos de transformação identitária das novas gerações, em emigração. A pertinência da afirmação

---

15 O volume celebrativo dos 30 anos da MCI traz uma série de testemunhos, que sublinham o papel das freiras e dos padres para os imigrantes italianos: “A presença dos Missionários e das Irmãs foi importante, porque finalmente podíamos contar com pessoas que nos teriam acompanhado, nos teria dado a boa palavra, nos teriam encorajado no momento oportuno, uma ajuda espiritual enfim, tão importante e essencial para nossa vida de fé, ainda mais quando estamos longe da pátria”, p. 27.

que a religião já não é determinante na construção da identidade cultural dos emigrantes italianos em Solingem e Remscheid, como sustentado neste artigo, não pode desconsiderar a situação macro-estrutural de enfraquecimento, transformação e até deslegitimação da prática religiosa tradicional na atualidade, e no contexto alemão em particular, tema este que exula dos limites deste artigo. Assim, a diminuição de interesse pela MCI por parte dos italianos e a diminuição em nível de recursos humanos, financeiros e materiais por parte da instituição mantenedora não podem ser interpretadas somente no binário pertença religiosa - processos migratórios, mas deve ser considerada também a crise da religião como elemento precedente e *a priori* em relação ao desinteresse das novas gerações pela MCI, que significaria ao mesmo tempo desinteresse pela fé católica e pela italianidade. A situação é complexa e como tal precisa ser considerada.

Podem ser que o interesse pela fé se mantém, mas se transformou e a forma tradicional da MCI não interessa mais; pode ser que a religião não interesse, mas a italianidade é vivida de outra maneira (de fato as referências à italianidade foram muito variadas entre os entrevistados) e pode ser também que a fé continue (mesmo que para uma porcentagem bem baixa de imigrantes) no contexto alemão, que é o contexto de vida das novas gerações, e a italianidade é um conceito sempre mais próximo a um mito, que pouco tem a ver com o cotidiano de tais migrantes e a religião ou a fé vivida pelos mesmos. Como estas, outras hipóteses podem ser formuladas. A identidade cultural italiana da segunda e terceira geração na Alemanha, com ou sem religião, se constrói muito mais olhando ao futuro que ao passado<sup>16</sup>. Resta a interrogação de fundo, a saber: se a crise da MCI tem razões internas, ou é mais uma das expressões da crise da religião tradicional. Ao mesmo tempo, revela-se válido o questionamento sobre como esta crise se relaciona à italianidade, seja enquanto âncora identitária em contexto migratório, seja a respeito da relação da identidade cultural italiana com a religião, como parte ou não de sua constituição.

Toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito ao como, a partir do quê, por quem, e para quê isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizaram seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço (CASTELLS, 2002: 22-23).

Enfim, para entender a implicação da MCI nos processos identitários, sugere-se como necessário aprofundar as diferenças dos microprocessos referidos ao passado e àqueles referidos ao futuro entre os e as migrantes que participaram da pesquisa. En-

---

16 Isto significa reconhecer que a identidade “nós a reconstruímos e que, além disso, o passado sofre uma constante transformação. Esse passado é parte de uma “comunidade imaginada”, uma comunidade de sujeitos que se apresentam como sendo ‘nós’”. Cf. WOODWARD, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”, in: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 28.

quanto no passado a saudade da terra natal e as primeiras etapas do projeto migratório colocavam a cultura de origem com todos seus elementos, inclusive a religião e a língua (que a MCI pratica) como prioridade, hoje a maior importância é reconhecida ao futuro dos filhos na sociedade e no país escolhido para viver. Atualmente é praticamente inexistente, entre os entrevistados, projetos de retorno a partir da segunda geração. Se a premissa é sustentável, então a relação a ser analisada não é entre fé católica e identidade cultural em emigração, mas, quem sabe, o foco principal dos processos identitários destes cidadãos e cidadãs de cultura híbrida estaria entre a herança da memória onde está cultura e religião unidas na *italianità* e da qual as pessoas selecionam o que interessa (talvez sem pegar a religião) de um lado, e, de outro, o contexto onde se encontram, que nem sempre tem a religião como interlocutor válido e/ou reconhecido. Se a premissa for correta, então a pergunta sobre o papel da MCI na construção identitária das novas gerações é uma pergunta errada, e deveria ser substituída por outras, entre as quais: qual o papel da fé católica vivida na MCI para as sínteses identitárias que a primeira geração elaborou e elabora em emigração? Qual este papel para as gerações sucessivas, uma vez que as novas gerações parecem não incluir a temática religiosa em seu quadro de referências para a construção da identidade

### Bibliografia:

- 30° anniversario della Missione Cattolica Italiana e delle Suore Missionarie Scalabriniane a Solingen. 1973-2003. Bollettino ECO, Numero Speciale, 2003.
- CARO, Milva. “Giovani migranti e la rielaborazione identitaria in contesto migratorio” in *REMHU*, vol. 16, n° 31, p. 317-324, 2008.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- ECKERT, Cornelia. “Memória e identidade. Ritmos e ressonâncias de duração de uma comunidade de trabalho: mineiros do carvão (La Grand-Combe, França)” in *Cadernos de Antropologia*, n° 11, 1993.
- \_\_\_\_\_. “Memória e identidade” in BRITO DE FREITAS, Carmelita (org.). *Memória. Anais do I Seminário e II Semana de Antropologia da Universidade Católica de Goiás*. Goiânia: Editora UCG, 1998, p. 139-169.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- \_\_\_\_\_. “Quem precisa de identidade?”. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- IARIA, Raffaele. “Chiese Locali, pastorale migratoria, missioni italiane” in *Servizio Mi-*



- granti* n° 4, p. 359-366, 2006.
- MAALOUF, Amin. *L'identità*. Milano: Bompiani, 2005.
- MARINUCCI, Roberto. “Religião, alteridade e migrações. A estrangeiridade como caminho de encontro” in *REMHU* vol. 15, n° 28, p. 87-105, 2007.
- MEIHY, José Carlos. *Manual de História oral*. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- NANZ, Patrizia. “Mobility, Migrants and Solidarity: Towards an Emerging European Citizenship Regime” in BENHABIB, Seyla & RESNIK, Judith (ed.). *Migrations and Mobilities. Citizenship, Borders and Gender*. New York / London: New York University Press, 2009, p. 410-438.
- PETRIS, Luigi. “Convegno di Bellaria. Tre punti fondamentali di impegno” in *Servizio Migranti* n° 3, p. 275-282, 2005.
- POLLAK, Michel. “Memória, esquecimento, silêncio” in *Estudos Históricos*, vol. 2, n° 3, p. 3-15, 1989.
- \_\_\_\_\_. “Memória e identidade social” in *Estudos Históricos*, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- SANNA, Ignazio. *Identità aperta. Il cristiano e la questione antropologica*. Brescia: Queriniana, 2006.
- SANTOS, Miriam de Oliveira. *Bendito é o fruto: festa da uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos de Caxias do Sul – RS*. Tese de doutorado em Antropologia Social pelo Museu Nacional da UFRJ. Rio de Janeiro, 2004.
- SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração*, São Paulo: Edusp, 1998.
- SEYFERTH, Giralda. “A imigração no Brasil. Comentários sobre a contribuição das Ciências Sociais” in *Revista Brasileira da Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. São Paulo, n° 57, p. 7-47, 2004.
- \_\_\_\_\_. “Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SOUSA SANTOS, Maria Roseli. “Saberes culturais, memória e identidade social em tempos de modernidade. Por uma leitura das categorias teórica da/na pesquisa” in [www.roselisousa.com.br/private/sabores\\_culturais\\_memorias.pdf](http://www.roselisousa.com.br/private/sabores_culturais_memorias.pdf), S/D.
- TASSELLO, Giovanni Graziano. “Missioni nel tempo e ruolo delle comunità di lingua italiana in Europa” in *La missionarietà delle nostre Chiese oggi. Convegno Nazionale Mis-*

*sioni Cattoliche Italiane di Svizzera e Germania*. Gazzada, 16-20 settembre 2002, p. 109-130.

\_\_\_\_\_. “Annotazioni storico-pastorali sulle missioni cattoliche italiane in Svizzera nel secondo dopoguerra” in IDEM (org.) *Diversità nella comunione. Spunti per la storia delle Missioni Cattoliche Italiane in Svizzera 1896-2004*. ROMA/BASILEA: Fondazione Migrantes & CSERPE, 2005, p. 153-238.

VANGELISTA, Chiara. *Terra, etnie, migrazioni. Tre donne nel Brasile contemporaneo*. Torino: Il Segnalibro, 1999.